A Geração Femcel: Maternidade Compulsória e Celibato Voluntário em *Querida Konbini* (2019), de Sayaka Murata

Femcel Generation: Mandatory Maternity and Voluntary Celibacy in Convenience Store Woman (2019), by Sayaka Murata

Yasmine Sthéfane Louro da Silva
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
yasminelouro@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>

Diana Barreto Costa
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)
dianacosta@uemasul.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-7499-1631>

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como a maternidade compulsória e o celibato voluntário influenciam na subjetividade feminina dessa tribo urbana conhecida como femcel em *Querida Konbini* (2019), de Sayaka Murata. A metodologia utilizada será a Teoria Semiótica Greimasiana, de linha francesa, levando-se em consideração os estudos de Barros (2005) sobre a temática. A fundamentação teórica norteou-se pelos estudos de Twenge (2017), Capler (2022), Klein (2022) e Do Couto (2023) sobre a Geração Z e as relações entre sexualidade e tecnologia; sobre maternidade compulsória e celibato voluntário, as contribuições de Koshiyama (2017) e Iaconelli (2023) serão consideradas. Como resultados, obteve-se que as mulheres não são consideradas bem-sucedidas a menos que sejam casadas e mães. Como considerações finais, pontuamos que a escolha de Keiko, protagonista da obra, de abandonar as tentativas de se encaixar na sociedade machista foram a ruptura com os padrões de gênero definidos para ela desde que nasceu, mas que ela não reconhece como naturais e não via necessidade de seguir.

Palavras-chave: Femcel; Literatura de autoria feminina; Literatura japonesa.

ABSTRACT

The Following research had as main objective to analyse how matters like mandatory maternity and voluntary celibacy weighs onto *femcel* group femininity subjetivity in *Convenience Store Woman* (2019), by Sayaka Murata. The Metodology rudder were the French-ligned Greimasian Semiotics Theory, according to Barros (2005) studies. The theoretical foundation was guided by studies by Twenge (2017), Capler (2022), Klein

(2022) and Do Couto (2023) on Generation Z and the relationship between sexuality and technology; on compulsory motherhood and voluntary celibacy, the contributions of Koshiyama (2017) and Iaconelli (2023) will be considered. As results, might be said that women are not regarded as succesful when unmarried or motherhooded. As final considerations, are pointed that Keiko breaks these patterns expected for women trying to disrupt the gender normativeness, as understood that she never sawn these patterns as normal or had the will to follow.

Keywords: Femcel; Female writer literature; japanese literature.

INTRODUÇÃO

Para compreender o interesse pelo *corpus* da presente pesquisa, faz-se necessário uma breve introdução de uma subcultura *online* que vem ganhando notoriedade nos últimos anos, as FemCels,¹ principalmente em razão de fazer oposição a uma outra subcultura online com forte teor fascista, os InCels,² derivados das FemCels. A diferença na atual nomenclatura de movimentos tão opostos é significativa para distinguir uma postura transgressora, como a das FemCels, de comportamentos misóginos, como o dos InCels. Mesmo que Do Couto (2023) pontue que a subcultura InCel foi criada por uma mulher, o movimento atualmente é dominado por homens *redpills*³ cujo comportamento *online* tóxico, como verdadeiros lares para InCels em fóruns na internet, representa uma comunidade *online* anônima e invisível de homens frustrados e misóginos de todo o mundo.

Após as mulheres observarem o comportamento violento dos homens InCels, houve uma ruptura natural entre elas e os ambientes dominados por esses homens. À medida que os homens começaram a reagir com misoginia ao problema do celibato involuntário, comum a ambos os gêneros, as mulheres, de forma gradual, criaram uma nova subcultura. Nesse espaço, os homens não eram incluídos, com o intuito de evitar episódios de misoginia e criar um ambiente seguro onde elas pudessem desabafar e

¹ *Female voluntary/involuntary celibatary* ou mulheres celibatárias voluntária ou involuntariamente.

² *Involuntary Celibatary* ou grupos de homens celibatários involuntários: basicamente homens que consideram que mulheres são as principais culpadas de não terem relações sexuais.

³ O movimento *redpill*, que é majoritariamente online e dominado por homens, se baseia na crença misógina da suposta superioridade dos homens sobre as mulheres e é uma resposta direta à quarta onda do feminismo (2013-atual). O nome do movimento deriva do filme *Matrix* (1999), na cena antológica em que Morpheus oferece a pílula vermelha (*red pill*, na tradução livre do inglês) para Neo. É essa “pílula vermelha” que permite que Neo saia da Matrix, ou seja, que ele pare de ser manipulado. Esse é o princípio básico para um movimento reacionário como o dos homens *redpill*, que as suas crenças problemáticas sejam apenas uma consequência da sua liberdade de expressão.

praticar a sororidade. Houve um consenso entre pares de que, enquanto os homens InCels mantinham-se unidos para se reclamarem sobre o suposto desinteresse de mulheres para com eles, as mulheres FemCels descobriram que não tinham tanto em comum com os homens, pois o seu celibato era, inevitavelmente, voluntário. Para Do Couto (2023, online, destaque nosso),

a maior parte das femcels não querem interagir com os incels de qualquer forma. A separação das femcels dos incels *permitiu que elas criem uma identidade inteiramente única para si próprias*. Pela definição, ambos os grupos clamam ter o foco nos mesmos assuntos — dificuldade em encontrar parceiros românticos e sexuais —, mas certamente há quem confunda os dois grupos.

É importante esclarecer que, diferente dos InCels, em que o celibato é *involuntário*, a subcultura FemCel compactua com um celibato voluntário, muitas vezes motivado pela insegurança das mulheres em ter relações sexuais com homens que venham a representar um perigo físico e sexual ou apenas por sentir uma indiferença sobre o assunto. O fato de as mulheres escolherem não ter relações sexuais voluntariamente frustra e incomoda aos homens do movimento oposto. Logo, quando Do Couto (2023) cita essa *identidade inteiramente única para si próprias* desenvolvida pelas FemCels fora dos ambientes misóginos, controlados pelos homens InCels, a autora quer referir-se ao grande acervo midiático qual tomaremos a liberdade de intitular de *Biblioteca FemCel*. Trata-se de mídias que transmitem mensagens significativas de empoderamento feminino e não necessariamente dependam de imagens de relacionamentos bem-sucedidos e heteronormativos, corpos femininos dentro do padrão estético ou debatam questões de saúde mental com maior seriedade

Em *Querida Konbini* (2019) ou *Convenience Store Woman*, de Sayaka Murata, somos apresentados à vida metódica de Keiko Furukura, que é funcionária da loja *Smile Mart* 24 horas, pelos últimos 18 anos. Ao construir a sua protagonista, Sayaka Murata introduziu muitos dos problemas comportamentais e afetivos da Geração Z, como a prolongação da infância na adolescência, o declínio do envolvimento cívico, as novas considerações sobre trabalho árduo ou as novas atitudes para com o sexo, relacionamentos e filhos, como pontuado por Twenge (2017) em seu livro *iGen*, na qual a autora faz um apanhado dos novos paradigmas surgidos a partir da grande influência que a Internet tem na vida dos nascidos entre 1995 e 2010.

Keiko tem curso superior, mas nunca colocou em prática o que aprendeu na faculdade, pois está presa a um emprego temporário, mas estável. Na verdade, Keiko não

se considera a melhor das intérpretes das emoções humanas, vendo-se despreparada para tomar decisões sozinha. Ao longo de toda a sua vida, sentiu-se deslocada e vê com estranheza as suas interações com outras pessoas. No entanto, quando encontra a loja *Smile Mart* após concluir o curso superior, sente-se acolhida pelos procedimentos metódicos adotados no treinamento de funcionários, tornando-a o que ela própria chamaria anos depois de “animal funcionário da Konbini” (Murata, 2019, p. 147), alguém que foi continuamente treinado para agir em conformidade com o que o capitalismo precisa, para alimentá-lo devidamente para que nunca morra.

Com Keiko, aprendemos toda a extensão do que Fisher (2020) pontua como *realismo capitalista*. Neste caso, podemos apontar *Querida Konbini* (2019) como um livro realista capitalista, ao entendermos que o sujeito, aqui representado por Keiko e sua aparente inadequação, é exposto a um nível de desumanização característico de obras pós-modernas, que discutem as influências do capitalismo tardio nas subjetividades humanas. De acordo com o autor, podemos intitular *realismo capitalista* algo que

não pode ser confinado à arte ou à maneira quase propagandística pela qual a publicidade funciona. Trata-se mais de uma atmosfera abrangente, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação – agindo como uma espécie de barreira invisível, bloqueando o pensamento e a ação (Fisher, 2020, p. 33)

Ao mesmo tempo que denuncia as artimanhas do capitalismo para tornar os seres humanos criaturas meramente factuais nos procedimentos usuais, para retroalimentá-lo, independentemente de sua permissividade ou crença no processo, a subjetividade singular de Keiko contribui para a problematização do espaço das mulheres no mercado de trabalho, ao induzir à reflexão sobre como o capitalismo trata os corpos estranhos aos seus métodos — no caso de Keiko, uma mulher que se recusa a agir de acordo com o que dita os padrões de gênero, ou seja, a ideia já natural de que a principal função da mulher seria a de procriação por meio de seu ventre, o resultado comum para uma sociedade que aguarda com expectativa para que as mulheres se casem.

Logo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como a maternidade compulsória e o celibato voluntário influenciam na subjetividade feminina dessa tribo urbana conhecida como femcel em *Querida Konbini* (2019), de Sayaka Murata. A metodologia utilizada será a Teoria Semiótica Greimasiana, de linha francesa, levando-se em consideração os estudos de Barros (2005) sobre a temática, privilegiando neste trabalho apenas a terceira fase do Percurso Gerativo de Sentido, a partir da oposição

semântica mínima maternalista x antimaternalista, sendo esta a análise das estruturas discursivas da obra escolhida. A pergunta que norteia o artigo é "seria Keiko a representação de um novo arquétipo feminino condizente com o contexto sóciopolítico antimaternalista e celibatário voluntário vigente entre as mulheres da Geração Z?".

O presente artigo está dividido em três seções: na primeira, *Biblioteca femcel: subcultura virtual, sororidade e celibato voluntário*, será feita uma breve recapitulação das consequências da influência da Internet no desenvolvimento da subjetividade das mulheres da Geração Z, ao relacioná-las com as vivências da subcultura online denominada FemCel e com as mídias adotadas por estas para representá-las; na segunda seção, *Maternidade compulsória e celibato voluntário: empoderamento silencioso e abandono de tradições patriarcais*, discutiremos brevemente sobre as questões acerca da maternidade compulsória e o movimento antimaternalista que tem instigado à prática do celibato voluntário ou ao abandono da ideia da maternidade entre mulheres da Geração Z; na terceira seção, *A maternidade em colapso: sucesso profissional e o fim da idealização da gravidez em "Querida Konbini" (2019), de Sayaka Murata*, realizaremos a análise da obra escolhida.

METODOLOGIA

De acordo com Barros (2005), a semiótica procura analisar e esclarecer o que o texto está comunicando e como ele realiza essa comunicação, por meio dos signos e símbolos utilizados pelo enunciador para a construção de um enunciado complexo, com significação. A obra analisada, *Querida Konbini (2019)*, de Sayaka Murata, debate como a maternidade compulsória age de forma desumanizadora, considerando a mulher apenas uma máquina de parir novos trabalhadores que servirão ao capitalismo tardio. A protagonista, Keiko Furukura, confessa nunca ter se sentido próxima do que chamamos de humanidade, já que não sabia se relacionar com outras pessoas. A sua dedicação a um trabalho que deveria ser temporário preocupa os seus familiares, que a aconselham continuamente a arrumar um marido e a começar a ter filhos o mais rápido possível, afinal, uma mulher aos 36 anos já está praticamente ultrapassada para a complicada tarefa de conceber uma criança.

Tendo isso em vista, a metodologia é embasada na semiótica estruturalista de Greimas, que busca fundamentar o estudo dos signos a partir do Percurso Gerativo de Sentido, conforme Barros (2005). Para Greimas, a narrativa é um discurso expresso de

forma figurativa e nesse método em específico, a significação é obtida por meio da análise em três níveis, sendo estes o nível fundamental ou das estruturas fundamentais, alicerçado por uma oposição semântica mínima, que pontuamos ser a polarização maternalista x antimaternalista no caso de *Querida Konbini* (2019); no segundo nível, a etapa das estruturas narrativas, com as fases de uma narrativa complexa, que não será privilegiada neste artigo; finalizado pela terceiro e último nível, das estruturas discursivas, em cuja a análise pode-se concluir qual a intenção original do emissor e qual a compreensão do receptor do *corpus* analisado.

BIBLIOTECA FEMCEL: SUBCULTURA VIRTUAL, SORORIDADE E CELIBATO VOLUNTÁRIO

Para além da superfície da Internet, para além dos memes e das trends de aplicativos famosos e controversos, existe uma camada ainda a ser investigada pelo olhar científico, mas que já começa a aparecer com mais frequência em produções científicas de várias disciplinas: um movimento silencioso e discreto de mulheres que optam por abster-se sexualmente, praticando o que chamaremos aqui de celibato voluntário, as FemCels. Ainda que os seus irmãos postigos, os InCels, sejam mais conhecidos, o movimento FemCel vem ganhando notoriedade nos últimos meses em razão de novas produções midiáticas do século XXI, que apresentam uma subjetividade feminina totalmente controversa.

Contrariando as expectativas de padrões de gênero, as obras que constituem o acervo que denominamos de *Biblioteca FemCel* apresentam representações femininas diferentes das obras *mainstream*, produzidas para consumo sem apuro estético ou crítico. A *Biblioteca Femcel* é composta de uma lista interminável de mídias, variando muito a partir da definição de FemCel de cada pessoa, mas podemos elencar algumas que são comuns na categoria de filmes: *Girl, Interrupted* (1999), *The Virgin Suicides* (1999), *Black Swan* (2010), *Gone Girl* (2014), *Promising Young Woman* (2020) e *Bottoms* (2023); ou livros como *The Bell Jar* (1963), de Sylvia Plath, *Save me the Waltz* (2014), de Zelda Fitzgerald, *Normal People* (2018), de Sally Rooney e *Chaesik-juija* (2007), de Han Kang; a antologia de mangás *Tomie* (2021), de Junji-Ito. As obras em si não foram produzidas para corresponder à subcultura em debate, mas possuem uma representação feminina subversiva, desviante das construções de personagens e subjetividades femininas nas

mídias em geral, em que a mulher busca por uma estabilidade emocional por meio de um relacionamento (normalmente com um homem) ou por realizações meramente estéticas, mas que findam em um casamento e uma gravidez já aguardada.

A seleção para a *Biblioteca FemCel* não é aleatória, mas significativa. Recentes estudos apontam a relação da crescente influência da tecnologia com a postura relativamente conservadora que a Geração Z (1995-2010) tem quanto a sua própria sexualidade. Diferente do que se pode imaginar, crescer durante a quarta onda do feminismo, em uma era híbrida entre esferas materiais e ambientes digitais, não resultou em uma geração mais progressista; pelo contrário, há um crescente comportamento conservador naturalizado entre essa geração de jovens adultos que não tem relações sexuais como a geração de seus pais e avós.

De acordo com Klein (2022, *online*), “os membros da Gen Z parecem ter uma visão especialmente pragmática para com os relacionamentos se comparada com a das gerações anteriores e eles não estão transando muito”. A diminuição nas relações interpessoais e sexuais dos membros da Gen Z dividem alguns autores quanto às suas origens: ao mesmo tempo que Klein (2022) indica que essa geração entrou na fase adulta em uma época tênue, em razão da Covid-19, da mudança climática e da instabilidade financeira mundial, Capler (2022) argumenta que a causa está no “retardamento psicoemocional” que os adolescentes vivem, como de certa forma concorda Twenge (2017) ao pontuar a “extensão da infância na adolescência” como uma causa para o desenvolvimento socioemocional desacelerado da *iGen*.

O fator imprescindível, e incontestável entre os autores, para a mudança de paradigma sexual para a Gen Z, no entanto, é a Internet; Klein (2022) destaca que o contato contínuo com a linguagem da Internet permitiu que os membros dessa geração pudessem articular melhor quem querem ser e o que querem em um relacionamento, que não comprometa a sua identidade e suas necessidades; Twenge (2017) utiliza o advento da Internet (1995) como um marco temporal para o surgimento da *iGen*, mas também destaca que o “i” abarca também o individualismo característico dessa geração, pois “o individualismo dos seus membros é garantido, uma tendência em larga escala que solidifica as suas raízes no senso de equidade assim como da sua *rejeição às regras sociais tradicionais*” (Twenge, 2017, p. 7, destaque nosso); ao mesmo tempo que Capler (2022) pontua a diminuição da gravidez de adolescentes brasileiras entre 2004 e 2015 em razão da aparente queda de relações sexuais entre jovens. O autor também destaca o aumento do consumo de pornografia *online* e do ato masturbatório como razões para tal

diminuição. Além de Twenge (2017), que nomeia a nova geração, também há um novo microgrupo a ser considerado, que são os Zillennials (Ward, 2023): ou seja, pessoas nascidas entre o início dos anos 1990 ao início dos anos 2000 e que se encontram em evidência dos dois grupos, sendo estes a geração Millennials ou Geração Y (1981-1994) e Geração Z (1995-2010).

Em meio a uma turbulência de mudanças paradigmáticas, em 1997, Alana, uma mulher de Toronto, no Canadá, criou um *website* para pessoas solitárias, que ela chamou de “celibatários involuntários”. Em uma entrevista para a BBC em 2018, Alana disse que, originalmente, o seu *website* era um “lugar amigável” para InCels. Conforme Do Couto (2023), “a maioria dos incels rejeitam uma mulher como Alana de sua comunidade — uma série de *websites*, blogs e fóruns chamados de *manosfera*. Isso porque os incels acreditam que uma mulher pode, a qualquer momento, encontrar um parceiro sexual, impedindo uma mulher de ter o seu próprio domínio incel”, o que é uma perspectiva extremamente misógina, sugerindo que mulheres não passam de objetos sexuais continuamente aptas para o sexo, disponíveis para relações sexuais.

Diferente do que os InCels imaginam, existem inúmeras mulheres *online* que compactuam de uma mesma frustração. Essas mulheres desejam, a algum nível, ter relações românticas e sexuais, mas por alguma razão são incapazes de tal ato. Essas mulheres normalmente começam a se intitular FemCel por algum movimento humorístico satírico, acolhidas em subcomunidades no X (antigo Twitter), mas passam a se compreender melhor quando começam a investigar intimamente os motivos para terem se identificado com o movimento.

Para Do Couto (2023, *online*), não há uma definição generalizada do que é ser uma FemCel, mas ela dá duas alternativas comumente aceitas pela comunidade: a primeira, “ser uma femcel é ter uma postura extremamente feminina, corajosa e controversa *online* ou é sobre postar memes e tweets inspirados por filmes como *Gone Girl* ou músicos como Lana Del Rey”, como as inúmeras *fan-account* que se escondem sob um avatar bonitinho, mas que mobilizam quantias exorbitantes quando precisam homenagear a um ídolo, como o caso mais recente da passagem de Taylor Swift no Brasil e a organização seus fãs para homenageá-la com uma projeção no Cristo Redentor (Boeckel, 2023).

A outra definição é mais definitiva e de teor psicológico, quando a autora pontua que “ser uma femcel é um estado mental que aprisiona; *é focado em uma perceptível ausência de experiência sexual ou romântica que faz a pessoa diferente* — ou menos do que isso — comparado aos seus colegas da mesma idade” (Do Couto, 2023, destaque

nosso), o que chega mais perto ao significado original do termo InCel e traz uma perspectiva menos positiva: uma pessoa que é triste por não ter habilidades socioemocionais satisfatórias, o que traz muita angústia mental quando não se é devidamente abordado com um terapeuta, por exemplo.

Mesmo que as mulheres sintam-se frustradas por não terem habilidades socioemocionais que as permitam viver livremente um relacionamento romântico ou sexual, elas não traduzem essa frustração em um comportamento *online* tóxico como os homens. Diferente deles, as mulheres convertem um sentimento que poderia ser negativo em postagens satíricas em fóruns, distribuição de mídia pirateada da *Biblioteca FemCel* ou produção de resenhas dessas mídias para estimular o consumo de obras com perfil contracultural, normalmente com subjetividades femininas diversas daquelas padronizadas pela mídia *mainstream*.

Para exemplificar a diferença entre os InCels e as FemCels, apresentamos dois trechos da obra *Querida Konbini (2019)*, a fim de compará-los. Keiko Furukura não sente parte da humanidade. Constantemente deslocada, a sua virgindade é o menor dos seus problemas. De acordo com a própria Keiko, “eu não tenho nenhuma experiência com sexo, mas também nunca refleti sobre minha sexualidade nem me aflingi por isso. *Apenas não ligo para o assunto*” (Murata, 2019, p. 43, destaque nosso). A sua chocante indiferença aos assuntos sexuais não é tão polêmica atualmente, depois da popularização da sigla LGBTQIA+,⁴ sendo o “A” da sigla para assexual. Mas esse não é o caso de Keiko. Keiko não é assexual. Ela apenas não sente a mínima vontade de ter relações sexuais, pois as burocráticas etapas até chegar ao ato em si seriam desgastantes demais para a sua antissocialidade.

No romance, Shiraha, um homem aparentemente obcecado com o Período Jomon⁵ e novo funcionário da *Smile Mart* onde trabalha Keiko, observa que a mulher não é tão padronizada como quer fazer parecer. Ambos têm uma idade próxima, estão nos 30 anos, e não têm relações sexuais. Diferente de Keiko, que não faz a mínima questão de perder a virgindade (e ela é uma mulher de 36 anos!), Shiraha é consideravelmente complexado com a questão, como observamos a seguir.

⁴ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

⁵ “Jomon” refere-se ao padrão semelhante a corda, trabalhado em barro e encontrado a partir desse período que começou há 15.000 anos e durou mais de 10.000 anos, até o início do período Yayoi.

Todo mundo precisa se encaixar no padrão, tem que caminhar sempre no mesmo passo. ‘Você já tem trinta anos, o que está fazendo nesse trabalho temporário?’ ‘Por que nunca teve uma namorada?’ *As pessoas se metem até na minha vida sexual, perguntam impassíveis se eu já tive relações ou não! E ainda acrescentam, dando risada, ‘na zona não conta, hein?’ Não incomoda ninguém. Faça parte de uma minoria, só isso. Mas é o suficiente para que todo mundo se sinta no direito de me assediar e violentar.*” (Murata, 2019, p. 85, grifo nosso)

Conforme Klein (2022), “um indivíduo ‘celibatário involuntário (também chamado de InCel) acredita que o feminismo tornou as mulheres modernas muito empoderadas, e além disso, muito seletivas com os seus parceiros sexuais em potencial”. Shihara também acredita nisso, quando diz que “afinal, desde o período Jomon, na pré-história, é assim. Os homens saem para caçar enquanto as mulheres protegem a casa e colhem frutos e ervas silvestres. *Esse tipo de atividade deve ser feito por mulheres, é uma questão de constituição cerebral*” (Murata, 2019, p. 33, destaque nosso), ao dividir os seres humanos a partir dos seus sexos, fazendo referência ao período pré-histórico como se as mulheres preservassem a mesma condição de subserviência para com os homens ou, como se os trabalhos fossem plenamente exercidos de acordo com o sexo.

As inabilidades socioemocionais são experienciadas diferente por homens e mulheres. Em *Querida Konbini* (2019), em específico, Keiko e Shiraha não poderiam ser mais diferentes: Shiraha se sente humilhado pela pressão social invisível para que se comporte como um homem alfa médio⁶, para que reforce a sua masculinidade tendo relações sexuais com muitas mulheres e para que engravide pelo menos uma delas; já Keiko se sente incomodada por não corresponder ao que a sociedade exige dela, mas não ao ponto de ter relações sexuais desprotegidas com um homem desconhecido, assim como as FemCels. Como veremos na seção a seguir, Keiko (e as Femcels) se recusa a corresponder à maternidade compulsória e impõe a si mesma o celibato voluntário como forma de resistência aos papéis de gênero.

⁶ No movimento *redpill*, os homens são divididos em castas de acordo com a sua performance de masculinidade: do mais inferior, os homens “betas”, um homem que não tem a capacidade de se relacionar com mulheres de forma dominante e é continuamente explorado por elas. Portanto, é visto como fraco e inferior. No próximo nível, temos os homens “alfa”, que são aqueles que representam um estereótipo de masculinidade idealizado por outros homens. São homens que são desejados por outras mulheres e que outros homens querem ser. Contudo, existem ainda dois outros níveis: os homens “sigma”, que são homens alfas superiores, e os “Chads”, que são homens “naturalmente” hipermasculinos, com aparente facilidade em ter relações sexuais com mulheres. Outra classificação complementar é a dos homens “Jerome”, que são os homens “Chads”, mas negros.

MATERNIDADE COMPULSÓRIA E CELIBATO VOLUNTÁRIO: EMPODERAMENTO SILENCIOSO E ABANDONO DE TRADIÇÕES PATRIARCAIS

Em seu livro *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas de reprodução*, Iaconelli (2023) defende que o *maternalismo* é o discurso no qual a sociedade justifica e reitera o lugar da mulher, sendo este espaço reduzido à função da maternidade e de trabalhadoras domésticas não remuneradas, para que ocorra a consolidação e manutenção do capitalismo ao obrigar que mulheres exerçam tarefas imprescindíveis, como a reprodução social por meio da maternidade compulsória, fenômeno recorrente em nossa sociedade.

Nesse sentido, Koshiyama (2017, p. 3) pontua que “virgindade, gravidez, aborto, maternidade são processos vividos pelos corpos das mulheres. Mas são pessoas – homens e mulheres na cultura – que defendem os valores, constroem os ritos e elaboram os mitos sobre esses momentos”. Dessa forma, o *maternalismo*, representado aqui pela maternidade compulsória, é instituído a partir de uma visão redutora das mulheres, que são marcadas pela sua função biológica de produzir novos seres humanos. A sociedade marcada pelo patriarcado vê como uma *obrigação* natural das mulheres a de gerar e parir novos trabalhadores para o capitalismo.

A tarefa de cuidar das novas gerações não deveria ser apenas das mulheres, mas a construção do ideal e atual de maternidade empurram as mulheres para uma posição de responsabilidade individual para a criação de crianças que não foram produzidas sozinhas. Para Koshiyama (2017, p. 5) “a sociedade aceita o sofrimento materno desde que a experiência da maternidade seja considerada válida. Pode-se falar sobre as dificuldades em criar um filho, mas não renegar totalmente a maternidade, com uma queixa desprovida de manifestação de amor, sob pena de taxarem a mulher de louca e até perigosa”.

A renegação da construção do papel social da mulher enquanto mãe por meio do celibato voluntário é considerado uma agressão ao ideal maternalista; afinal, o celibato voluntário é considerado uma perspectiva conservadora pois, em teoria, contraria o que é associado ao progressismo pelo discurso liberal, que é o da liberdade sexual. Mas não seria também uma prova da existência dessa dita liberdade sexual caso as mulheres decidam não mais fazer sexo como a heteronormatividade exige, para produzir filhos? A

emancipação feminina plena exige que haja uma reflexão no que concerne às mulheres que não desejam ser mães, a forma de acolhê-las, como veremos na seção a seguir.

A MATERNIDADE EM COLAPSO: SUCESSO PROFISSIONAL E O FIM DA IDEALIZAÇÃO DA GRAVIDEZ EM *QUERIDA KONBINI* (2019), DE SAYAKA MURATA

Keiko Furukura não é nem de longe o exemplo de subjetividade feminina clássica, com aptidões e desejos construídos em razão da influência dos papéis de gênero em sua vida. Pelo contrário, Keiko é um exemplo raro de personalidade quase que completamente indiferente à opressão de gênero, esta que complica e prejudica a vida de bilhões de mulheres mundo à fora. Keiko, porém, também representa uma parcela crescente de mulheres que não querem ter filhos. Independentemente de ser abertamente pressionada a se comprometer com os estereótipos impostos pelas desigualdades de gênero na construção dos papéis performáticos que homens e mulheres devem desempenhar, Keiko decide por seguir a sua vida de acordo com os seus sonhos e ambições, sem querer satisfazer a ninguém mais além dela mesma. Em uma conjuntura sociocultural em que mulheres são continuamente forçadas a desempenhar esses papéis, querendo ou não, a atitude de Keiko em se comprometer com a sua felicidade individual, é uma atitude transgressora por si só.

Desde a infância, Keiko sofre para compreender o funcionamento do mundo. No início da narrativa, quando o enunciador aos poucos exemplifica as complicações em que Keiko se mete por conta de sua aparente inaptidão para a vida em sociedade, somos apresentados a comportamentos erráticos como uma violência inapropriada e uma nítida insensibilidade quanto ao trato com outros seres humanos; comportamentos que beiram a tênue linha do desumano, como quando deu com a pá na cabeça de um de seus colegas para apartar-lhe de uma briga ou quando abaixou as roupas da professora na frente de todos os seus colegas, para calá-la.

O sentimento de inadequação provém do fato de Keiko não saber distinguir as emoções humanas, considerando-as gestos intraduzíveis, pois não tem a sensibilidade para interpretar a complexa linguagem interpessoal utilizada pelos seres humanos para se comunicarem. Essa comunicação não inclui apenas as palavras em sua forma mais bruta, mas também mensagens nas entrelinhas transmitidas de inúmeras formas — sejam estas

insinuações subliminares por meio da utilização do sarcasmo e da ironia, de certas expressões faciais para a compreensão do significado oculto, sugerido por figuras de linguagem como hipérbole ou eufemismo ou também os discursos que são intrínsecos à sociedade humana, que conduzem as mulheres no percurso de toda a sua vida, pré-determinando as suas ações conforme os papéis de gênero.

Conforme Barros (2005), uma categoria semântica fundamenta-se em uma diferença, uma oposição. Logo, a significação obtida por meio da exploração do nível narrativo depende exclusivamente da construção discursiva sobre pilares opostos. No caso de *Querida Konbini* (2019), a polarização maternalista x antimaternalista é constantemente sugerida pela obra, tendo alguns contrastes fundamentais para que se compreenda que a inadequação de Keiko também se estende ao fantasioso instinto maternal com o qual, supostamente, as mulheres foram abençoadas ao nascer, como já esclarecido por Iaconelli (2023).⁷

Para Barros (2005, p. 11), “a semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. A semiótica examina os procedimentos de organização textual e os seus mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto, a fim de explicar *o que* o texto diz e *como* diz. Em *Querida Konbini* (2019), a polarização maternalista x antimaternalista se configura a partir das representações do maternalismo e do antimaternalismo no enunciado; o primeiro se apresenta de diversas formas: na imagem da mãe de Keiko, que é a figura parental presente em sua vida; na imagem da sua irmã, Mami, que se torna mãe no decorrer do enunciado; nas amigas de Miho que já são casadas e estão prestes a ser mãe; o segundo, no entanto, só tem uma representação: a da própria Keiko, que reforça a imagem de inadequação que tem de si mesma ao se comparar com figuras femininas supostamente bem-sucedidas que possuem o que ela não tem, casamento e filhos.

O enunciado apresenta duas situações em que a representação do maternalismo e a do antimaternalismo se confrontam abertamente, envolvendo a única figura infantil do enunciado, que é o filho de Mami. Ao se ver convidada para conhecer o seu sobrinho, Yutaro, para Keiko, a questão parece simples, como visto a seguir:

para mim, porém, não fazia sentido ir até lá só para ver o meu sobrinho, já que ele era quase idêntico ao filho de Miho. *Aparentemente, eu devia dar mais importância ao bebê da minha irmã do que ao outro. Mas, para mim, pareciam*

⁷ “No lugar da satisfação sexual, o grande prazer da mulher estaria atrelado à maternidade [...] O instinto materno é uma criação pseudocientífica do século XVIII” (Iaconelli, 2023, p. 38-37).

animais da mesma categoria, como gatos de rua que, apesar das diferenças, são todos iguais (Murata, 2019, p. 58, grifo nosso).

Para Keiko, não faz a mínima diferença ver ou não o seu sobrinho porque todos os bebês são iguais. E continua, quando compara os bebês aos gatos de rua, que são indistinguíveis em sua semelhança. A aparente indiferença de Keiko por não se ver rendida à satisfação coletiva de se receber um novo bebê não arrefece nem mesmo quando finalmente conhece Yutaro e o ouve chorar. Keiko tem uma reação peculiar:

o bebê começou a chorar. Minha irmã correu para pegá-lo no colo e ficou tentando silenciá-lo. *Olhei para a pequena faca que havíamos usado para cortar o bolo, pousada sobre a mesa. Minha irmã parecia estar sofrendo tanto, coitada... Pensei que, se o objetivo era apenas fazer o bebê ficar quieto, seria bem fácil* (Murata, 2019, p. 60, grifo nosso)

A suposta inadequação de Keiko alcançou patamares homicidas, quando, de alguma forma, a sua imaginação descompensada associou o choro da criança à faca de cortar bolo que Mami e ela haviam usado no lanche. Qual a melhor solução, então, que não silenciar uma criança para todo o sempre ao assassiná-la friamente com uma faca de cortar bolo? Seriam então as mulheres que decidem não ter filhos tão monstruosas que chegariam a matar os filhos de suas irmãs?

A questão principal do romance é a suposta inadequação de Keiko para viver em sociedade, pois, é por não saber os signos utilizados como forma de comunicação e não conseguir distingui-los, de modo a evitar constranger-se, que Keiko se torna funcionária da *Smile Mart*, a Konbini que dá nome ao romance, que ela aprende sobre como se comportar em situações cotidianas. Keiko precisa passar por um extensivo treinamento para preencher o cargo de funcionária da Konbini e é a partir desse treinamento que Keiko passa a pautar a sua vida. Mas, à medida que envelhece, Keiko descobre que “o problema era que, ainda que aquele minucioso manual tivesse possibilitado que eu me tornasse uma Funcionária,⁸ *longe dele eu continuava não tendo a menor ideia de como agir como um ser humano normal*” (Murata, 2019, p. 28, grifo nosso).

Keiko descobre, então, que o manual não supre as suas inadequações sociais *fora* da Konbini. Como Keiko camuflou as suas “falhas” enquanto ser humano com um trabalho exaustivo, ela reforçou a sua necessidade de se manter na Konbini com o

⁸ O termo aqui é escrito em maiúsculo respeitando a designação do romance da Funcionária como uma evolução humana natural, uma entidade com poder antagonista capaz de liquidar com os problemas do mundo alternativo que é a Konbini.

argumento de que era um trabalho temporário. Seus familiares não entendem o porquê de uma mulher com curso superior continuar trabalhando em um emprego temporário quando poderia ganhar um salário melhor em um emprego de acordo com sua formação, assim como os seus colegas de trabalho, para quem conta que a mãe está doente e que é essa a razão para continuar trabalhando na loja por quase 18 anos. O porquê de ela não ter um marido, no entanto, ainda é uma incógnita para os seus colegas, que argumentam que “entendo que pode ser difícil encontrar trabalho, *mas é melhor você se casar, pelo menos*. Agora existem até *sites* de relacionamento, não é?” (Murata, 2019, p. 78, grifo nosso).

Uma mulher, então, pode se manter em um subemprego durante anos, recebendo um salário irrisório sem nem mesmo ter a garantia de aposentadoria ou de um plano de saúde, mas uma mulher *nunca* poderá se manter solteira aos quase 40 anos! Isso, sim, é revoltante! E sem filhos, então? Ainda mais indefensável! Keiko sabe que a nossa sociedade não é regida por um sistema justo, quando reflete que “o padrão do mundo é compulsório e os corpos estranhos são eliminados sem alarde. *Os seres humanos fora do padrão acabam sendo retificados. Então é por isso que eu preciso me curar! Se não fizer isso, serei eliminada pelas pessoas normais...*” (Murata, 2019, p. 80, grifo nosso).

Keiko não é a única pessoa que considera que a “cura” é a única solução para o seu problema. Além de uma passagem generalizada em que Keiko relembra de que a “sua família” se questionou sobre “o que será que *a gente* precisa fazer para “curar” Keiko?” (Murata, 2019, p. 12), já no tempo presente da narrativa Mami questiona à irmã “quando você vai se curar, Keiko? [...] Venha comigo fazer terapia! Vamos buscar um tratamento médico. É o único jeito!” (Murata, 2019, p. 74). Inclusive é Mami a única pessoa que sugere terapia à Keiko, independente de quantas vezes a palavra “cura” apareceu ao longo do enunciado.

A angústia que marca a trajetória de Keiko é vivida intensamente por seus familiares, mas é uma questão que ela mesma ignora, na maior parte do tempo. É relevante salientar que Keiko buscava por um mecanismo de se sentir mais humana, mais próxima das exigências sociais impostas pelos papéis de gênero. Se em algum momento Keiko fizer alguma referência a uma possível cura, é única e exclusivamente em razão da pressão social para que se encaixe. Não é que ela pense que precise, mas que seja uma das exigências para sobreviver nesse mundo pós-moderno opressivo e regulador.

Keiko tem apenas uma preocupação, que é a de permanecer apta para desempenhar as suas funções na Konbini. Flagra-se Keiko tendo pensamentos como “eu tinha

envelhecido desde que nascera como funcionária.” (Murata, 2019, p. 46) ou “às vezes me pergunto o que farei se ficar realmente velha e não puder mais trabalhar na loja. *Eu precisava manter o corpo saudável, pela Konbini* (Murata, 2019, p. 76, grifo nosso). Keiko preocupa-se em manter-se útil para o capitalismo, para que não seja rejeitada pelo sistema como incapaz ou inapta.

O momento de maior esclarecimento por parte de Keiko é quando ela reflete que “o gerente usa muito essa palavra, ‘útil’, o que sempre me leva a questionar se caibo nela ou não. *Talvez eu trabalhe só para poder ser uma ferramenta útil*” (Murata, 2019, p. 81, grifo nosso). Keiko não tem noção de que a sua maior capacitação, o que mais faz ter orgulho de si mesma, a distingue dos demais. Ela é apenas mais uma ferramenta que o sistema irá utilizar até que seja necessário descartá-la.

Em *Querida Konbini* (2019), portanto, podemos compreender que o emprego de Keiko, por mais desumanizador e engessado que seja, ainda proporciona a ela mais liberdade e autonomia do que a outra alternativa, a da maternidade. Para Keiko, ser resumida ao seu útero e as funções biológicas contradiz toda a sua subjetividade, quando não consegue responder ao que consideraremos como “instintos naturais” ou o chamado “instinto materno”.

A sua concepção de trabalho também é distorcida, afinal não consegue compreender nada além do manual da Konbini. Mas ter uma função para Keiko é fundamental, assim como se exige na conjuntura capitalista. Keiko quer se sentir útil e apenas o trabalho proporcionaria essa consolidação subjetiva a ela. A escolha exclusiva pelo seu trabalho a humaniza, pois representa uma parcela invisibilizada da sociedade que é a das mulheres que não querem ser mães. Assim como Keiko, esse grupo de mulheres é considerado como inadequado (e até monstruoso) por ativamente recusar-se a cumprir função biológica que deveria ser facultativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance, percebe-se que as mulheres não são consideradas bem-sucedidas a menos que sejam casadas e mães. A autora constrói a complexa psique de uma mulher aparentemente fora de sintonia com as expectativas de uma sociedade falocêntrica, milimetricamente controlada por burocracias e etapas que se devem cumprir. Keiko Furukura sente que é inadequada e que não se encaixa no padrão de vida em comum em

sociedade, até que se encontra como Funcionária da loja de conveniência 24 horas, a Konbini que dá título ao romance. Contente por finalmente se encaixar, Keiko permanece como funcionária da Konbini por 18 anos contrariando as expectativas da sua família, que a considera doente por não ser casada e não ter filhos aos 36 anos.

Assim, a escolha de Keiko, ao não se encaixar na sociedade machista, rompeu com os padrões de gênero estipulados a ela desde que nasceu, padrões estes que ela não reconhecia como naturais e que não via necessidade de seguir. Com a sua decisão de se tornar, de fato, uma Funcionária da Konbini, Keiko opta por si mesma, protegendo-se das expectativas alheias em sua vida, que a atrapalhavam e a machucavam com um padrão tóxico.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BBC News Brasil. *Amor e Sexo: o pragmatismo da geração Z*. Youtube. 13 min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4uwLeiMbl1U>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BOECKEL, Cristina. *Arrecadação entre fãs de Taylor Swift para projeção no Cristo Redentor rende mais de R\$ 180 mil em menos de 24 horas*. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/17/arrecadacao-entre-fas-de-taylor-swift-para-projecao-no-cristo-redentor.ghtml>>. Acesso em: 04 jan. 23.

CAPLER, Rodolfo. *O apagão sexual da Geração Z*. 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-apagao-sexual-da-geracao-z-entend>>. Acesso em: 04 jan. 24.

DO COUTO, Sarah. *Femcels: Inside the enigmatic subculture of involuntary celibate women*. 2023. Disponível em: <<https://globalnews.ca/news/9449316/femcel-definition-social-media-sex-gender-incels/>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 55-73.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiotics and Language: An Analytical Dictionary*. Bloomington: Indiana University Press, 1982.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: ED. PUC-Rio: Apicuraí, 2016.

IANCONELLI, Vera. *Manifesto antimaternalista: psicanálise e política de reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LEMOS, Kelly de. *As construções sociais sobre o gênero feminino e sua relação com a maternidade compulsória*. Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Ufpe, Caruaru, 2019.

KLEIN, Jessica. *Are Gen Z more pragmatic about love and sex?*. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/worklife/article/20220104-are-gen-z-more-pragmatic-about-love-and-sex>>. Acesso em: 04 jan. 24.

KLEIN, Naomi. *Sem Logo: a tiraria das marcas em um planeta vendido*. São Paulo: Record, 2002.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. A imposição da maternidade para as mulheres na história e nos meios de comunicação. *XI Seminário Internacional Fazendo Gênero & XIII Womens Worlds Congress. (Anais)*. Florianópolis, 2017.

MURATA, Sayaka. *Querida Konbini*. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

TWENGE, Jean M. *iGen*. New York City: Atria Books, 2017.

WARD, Terry. *Zillennials: The newest micro-generation has a name*. 2023. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2023/05/10/health/what-are-zillennials-wellness/index.html>>. Acesso em: 08 jan. 24.

WU, Karen. *How Do Femcels and Incels Differ?: Gender socialization may shape the way we react to sexual rejection*. 2023. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/the-modern-heart/202211/how-do-femcels-and-incels-differ>>. Acesso em: 04 jan 23.

Recebido em: 25/06/2024

Aceito em: 30/09/2024

Yasmine Sthéfane Louro da Silva: Atua como Professora Assistente na Universidade Estadual do Maranhão desde 2025. Doutoranda em Letras, com concentração em Literatura, com linha de pesquisa em Literatura, cultura e sociedade, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Mestre em Letras, com linha de pesquisa em Teoria, Crítica e Comparatismo, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialista em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade de Educação São Luís. Especialista em Ensino de Língua e Literatura pelo Instituto Federal de São Paulo - IFSP. Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Integra o Grupo de Estudos e

Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas da UEMASUL, O GEPLALA, e o Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC-Minas, o GEHISLIT.

Diana Barreto Costa: Coordenadora geral do programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão e Professora dos Cursos de Graduação em Letras (Licenciatura de Ensino) em Português, Inglês e Literatura e Línguas (Licenciamento de Professores) em Inglês e Literatura. Professora Adjunto IV, vinculado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais e de Línguas (CCHSL), Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literatura Inglesa (GEPLALA) e do Grupo de Estudos em Práticas Educativas e Formação de Professores (GEPEP), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Campus Imperatriz.